

TAGEM • REPORTAGEM • RE

CRIPTOPÓRTICO ROMANO NO SUBSOLO DE LISBOA, EM PLENA BAIXA

Nem sempre o repórter tem oportunidades como esta. Visitar as vulgarmente chamadas «termas romanas» de Lisboa é acontecimento ímpar na vida. Dessa visita damos notícia ao leitor.



A entrada para o criptopórtico, na Rua da Conceição. Os bombeiros estão a ligar os geradores, enquanto os curiosos já se vão juntando... Por este buraco, que passa despercebido ao transeunte, entra-se num mundo velho de quase dois mil anos

Os bombeiros trabalharam a valer

Situam-se as «termas romanas» de Lisboa no subsolo da Baixa, sob o quarteirão formado pelas Ruas da Prata e da Conceição.

Visitámo-las no dia 6 de Maio passado, integrados no grupo dos membros da Associação Portuguesa de Museologia, sob a orientação da Dr.^a Irisalva Moita, conservadora-chefe dos museus municipais da capital.

Mas, para que a visita fosse possível, os Sapadores Bombeiros — contratados pela Câmara — trabalharam a valer no escoamento da enorme quantidade de água, que enchia toda a construção, e na remoção da muita lama, que por lá se tinha acumulado ao longo dos anos.

O que são, afinal, as «termas»?

E é a altura de o leitor perguntar: mas, afinal, que é isso de termas?

Trata-se duma vasta construção, formada por diversos corredores abobadados, de alturas diferentes, cruzando-se e comunicando uns com os outros. Portanto, paredes nuas, como galerias de minas, em alvenaria, do tempo do imperador Tibério, há quase dois mil anos.

A essa amplíssima construção, que não foi visitada por completo porque os trabalhos de limpeza são extraordinariamente morosos, foi dado o nome de «termas» ou «balneário dos Augustais», por aí se ter encontrado uma arca com uma inscrição ao deus romano da Medicina, Esculápio. Essa arca foi dedicada por dois augustais, Marcos Abrânio Eupório e Lúcio Fábio Dafino. Ora, como numa das galerias (e nós pudemos vê-lo claramente) a água jorra, tépida e em abundância, pensou-se que o local foi realmente destinado a banhos — tendo essas águas porventura virtudes medicinais.

É precisamente essa nascente que «alimenta» as galerias: transformadas pouco a pouco em verdadeiro reservatório — que os Sapadores precisam de escoar dias seguidos a fim de tornar possível uma visita como esta.

Seriam mesmo termas?

Toda a construção apresenta um ar maciço. De acordo com

a opinião da Dr.^a Irisalva Moita, muito provavelmente destinava-se a aguentar as construções de cima. Sabido como é que a zona da Baixa é pouco consistente, estas galerias funcionariam como alicerce, como suporte.

Quem conhece o criptopórtico de Coimbra, situado no Museu Machado de Castro, pode ter uma ideia do que sejam as «termas» a que nos estamos a referir, porquanto a estrutura é idêntica — e idêntica será, pois, a sua função.

Assim, no opúsculo *Criptopórtico*, editado pelo Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra, 1971), diz-se a certa altura:

«O pendor da encosta era grande entre os actuais terreiros das duas sés, a Velha e a Nova, mas foi ali mesmo que os Romanos decidiram construir o fórum. Havia que edificar um terraço onde planamente se estabelecesse a construção. Ora um embasamento maciço seria talvez menos sólido e seguramente menos útil que alveolado de galerias ou cárceres. Edificaram: assim o corpo gigantesco de um pódio de dois andares.»

Não se poderão aplicar a Lisboa estas observações? Quem sabe se não teria sido aí edificado o fórum (o centro cívico, digamos assim) da Olisipo romana?

Na comunicação feita pelos arqueólogos Robert Étienne e Jorge Alarcão ao II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1971) intitulada «La Chronologie des Cryptoportiques à

Conimbriga», chegam os autores à mesma conclusão: a finalidade dos criptopórticos é «essencialmente estrutural», embora «pudessem e devessem ter também uma finalidade utilitária», «estando ao dispor das autoridades do município».

Robert Étienne, no artigo «Vitruve et les cryptoportiques», retoma a argumentação anterior: «A função primeira de todos os criptopórticos é essencialmente de ordem arquitectónica: possibilitar o estabelecimento dum terraço, dum nível superior artificiais para suportar os pórticos.»

Abrir ao público?

Para caminnarmos lá dentro, calçamos as botas de borracha dos bombeiros, pois a água (bombada constantemente) não fora escoada por completo. Além disso, foram precisos geradores para manter holofotes no interior a iluminar as passagens. A visita fez-se, pois, em condições difíceis.

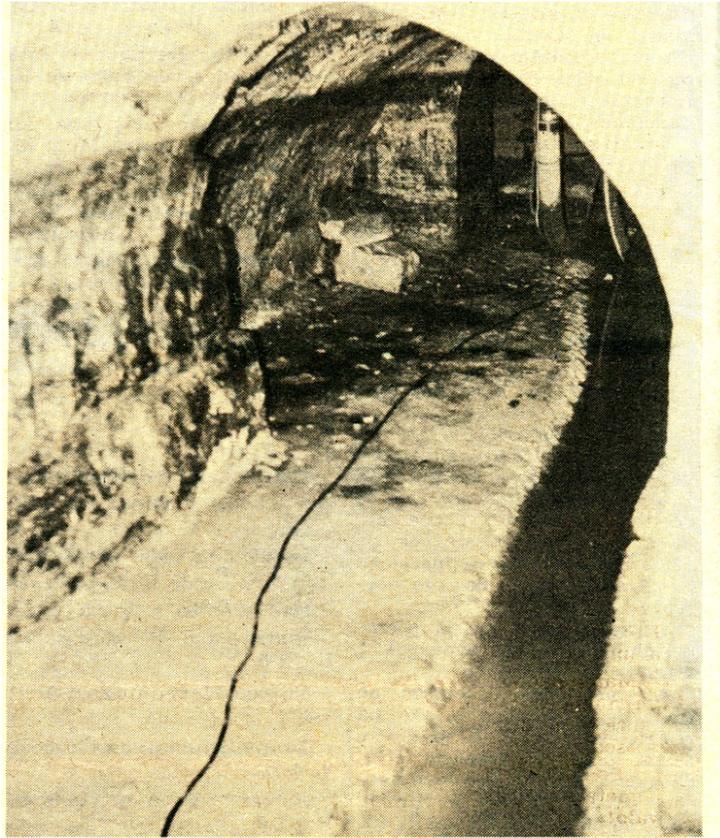
No dia seguinte, o nosso prezado colega República perguntava se não seria possível ao Município de Lisboa «meter ombros a esses trabalhos (construir uma entrada privativa e manter um processo permanente de escoamento das águas), de tanta importância na valorização do património da cidade».

O próprio boletim da APOM (Associação Portuguesa de Museologia), no seu número de Maio-Junho, lastimava também que a população se encontrasse privada de mais um importante testemunho do passado.

Onde também se fala da Costa do Sol

Quanto a nós, parece-nos obra mui dispendiosa e sem um interesse de maior.

E somos desta opinião por sabermos quão abundantes e quão ricos são por este Portugal além os vestígios romanos — e nem sequer há dinheiro para os escavar convenientemente. Veja-se Conimbriga, veja-se Mirobriga (perto de Santiago do Cacém). Veja-se — na Costa do Sol — os Casais Velhos e tantos outros vestígios arqueológicos a pedirem divulgação, conservação... dinheiro!



O aspecto dum dos corredores. Nota-se, na parede, a parte escura ocupada pela água. Vê-se, ainda, à direita, a vala para escoamento. Neste corredor anda-se à vontade de pé

Uma mentalidade nova

Em nossa opinião, o mais importante a fazer é forjar uma mentalidade nova. Porque não bastam bons hotéis e boas piscinas para atrair o turista. Hotéis e piscinas há-os em todas as zonas turísticas do mundo. Agora, monumentos do passado — é que não os há em abundância. Nós, Portugueses, temos-los. Há castelos em toda a parte. E há castelos, em que condições? Com bons opúsculos explicativos? Bem aproveitados turisticamente, para nacionais e estrangeiros?

Aqui ao pé, que oferece o Castelo dos Mouros de Sintra a quem o for visitar? Murallas, construções em ruínas, panorâmica excelente. Mais nada. Quem há aí que pague a investigação sobre esse castelo?

Bem, e na Costa do Sol? A gruta do Poço Velho. As grutas da Alapraia. A gruta do Porto Covo (claro que não conhecem!). Os Casais Velhos (em negociações há anos...). E os locais arqueológicos assinalados por Paula e Oliveira no fim do século passado e que hoje já foram detectados e que é pre-

ciso escavar antes que a urbanização alastre e estrague tudo?

Fomos dos felizardos que «chapinhámos» debaixo da Rua da Prata e entrámos por uma nesga de chão na Rua da Conceição, entre os carris dos eléctricos. Muitos curiosos se juntaram ao grupo, nessa tarde de domingo, e foram bisbilhotar também o que se passava. Tantos que, a certa altura, a polícia proibiu. E logo uma senhora, num jeito muito nosso, português, se volta para um dos nossos amigos e diz:

— Vê? Já proibiram as pessoas de entrar.

— Mas, minha senhora, que se passa aqui? — pergunta-lhe o Luís como quem de nada sabe.

— São umas coisas lá por baixo. Agora, proibiram a entrada, mas na próxima semana vão abrir isto à gente, a pagar. Então, todos podem entrar. A pagar, pois! É sempre assim.

Fomos, então, dos felizardos que não pagámos. E quisemos transmitir aos leitores estas impressões de reportagem.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO